
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

Especialização em Literatura Brasileira

Total de créditos necessários para conclusão do Curso: 24

Duração: 12 a 24 meses

Inscrições: nos meses de dezembro e julho

Especialização em Literatura Infantil

Total de Créditos necessários para conclusão do Curso: 24

Duração: 12 a 24 meses

Inscrições: nos meses de dezembro e julho

Especialização no Ensino da Língua Portuguesa

Total de créditos necessários para conclusão do Curso: 24

Duração: 18 meses

Inscrições: durante o mês de dezembro

Público Alvo: candidatos com Licenciatura Plena em Letras ou áreas afins.

Documentos para inscrição:

2 Fotos

Xerox da Certidão de Nascimento ou Casamento

Xerox do Diploma de Graduação

Xerox do Histórico Escolar da Graduação

Xerox da Carteira de Identidade

Xerox do CIC

Curriculum Vitae

Taxa de Inscrição

Informações: fone – (51) 320.3676

Uma terra, dois olhares: o Rio Grande do Sul na visão de Fróis e Winter

Isabel Cristina Farias de Lima

O presente estudo propõe-se a analisar a representação de personagens médicas estrangeiras, a saber, Dr. Gaspar de Fróis e Dr. Carl Winter, em duas obras da literatura sul-rio-grandense do século XX: *Um quarto de légua em quadro*, de Luiz Antonio de Assis Brasil, e *O continente*, primeiro volume da trilogia *O tempo e o vento*, de Erico Verissimo.

Um quarto de légua em quadro: Dr. Gaspar de Fróis

Dr. Gaspar de Fróis, personagem da obra *Um quarto de légua em quadro*, de 1976, obra de estréia do escritor sul-rio-grandense, Luiz Antonio de Assis Brasil, é um médico açoriano em viagem para o Brasil. Sua importância na narrativa sobressai-se desde as primeiras páginas, pois é através de seu olhar que a travessia dos portugueses para o Sul do país é descrita.

Ocupando a posição de narrador-personagem, Dr. Fróis acompanha os três momentos da viagem dos colonizadores, contando as façanhas por que passaram seus conterrâneos. De Açores à Ilha de Santa Catarina, testemunhou a travessia do oceano, durante a qual tantos perderam a vida; do Desterro ao porto do Rio Grande, relatou as façanhas dos imigrantes que deveriam receber as terras prometidas e os materiais para exercer seu trabalho; de Rio Grande a Viamão, acompanhou a ocupação provisória das terras de Jerônimo de Ornellas. O livro, portanto, divide-se em três partes, ou seja, em três cadernos em forma de diário, no qual ele, partícipe desses momentos, registra o que vê.

Médico formado em Coimbra, Dr. Gaspar de Fróis veio para o Brasil acompanhando os *casais de ilhéus* que para cá viajaram para povoar o continente.

Estruturou uma imagem sólida e eficaz junto à sua gente. Por trás de um físico miúdo, Dr. Gaspar demonstrava muita força e coragem em situações adversas; capaz de um discurso firme revelador de um caráter puro, correto e coerente.

Apesar de se encontrar em situação clandestina entre os imigrantes, Gaspar de Fróis nunca sofreu qualquer tipo de restrição, pois sua profissão o isentava de suspeita. Como médico, ele possuía a senha para entrar na intimidade das personagens; nas mãos dele, estavam o poder da cura, de prolongamento da vida e a visão apurada, crítica e distanciada dos fatos. A lucidez e a formação intelectual fizeram Fróis ver as intenções ocultas do projeto, tornando-se muito preocupado com o bem-estar de seus conterrâneos. Na medida em que era procurado por eles, dava-lhes atenção e passava-lhes informações que julgava necessárias, sem que essas lhes tirassem as esperanças.

O doutor representava a antítese no contexto em que estava vivendo, pois, desde o começo, fez oposições ao que achava injusto. Nos primeiros relatos da travessia no mar, começaram a aparecer os sinais de sua coerência; apesar de sua condição clandestina no navio, mostrava-se muito interessado pelas condições de saúde dos colonos e tocado pelas altas expectativas frente ao Novo Mundo. Parecia ser o mais lúcido de todos, ou seja, refletia diante das situações que para muitos não parecia óbvia. Sofria calado com as falsas esperanças que a maioria dos colonos nutria e ressentia-se por vê-los, muitas vezes, serem surpreendidos pela morte, sem, ao menos, enxergarem a terra de seus sonhos.

Cada vez mais crescia o número de indivíduos que o procuravam para diversos fins. De médico passava a conselheiro, e de conselheiro a confessor e pai era um instante. No hospital onde trabalhava e morava, não era somente a doentes que atendia. Assistia também aos sãos, pois esses o procuravam para se aconselhar com o doutor. Autoridades o consultavam para se sentirem mais seguros:

O coronel sentou-se a meu lado.

– Doutor Gaspar, necessito aconselhar-me. Nesta terra miserável não há uma pessoa capaz de dizer-me algo que preste. Suas imaginações somente chegam ao ponto onde a minha começa.¹

¹ ASSIS BRASIL, Luiz Antonio. *Um quarto de léguas em quadro*. Porto Alegre: Movimento, 1978, p. 31.

Como não o viam somente como médico, Gaspar não ficou restrito apenas aos seus serviços de saúde. Movimentou-se por tudo, indagando, observando para ver a seriedade do projeto. Para os colonos, marcou presença não somente por suas práticas médicas, mas como aquele que se preocupava com seus conterrâneos; como aquele que, apesar de muitas vezes descrente, tentava de todas as maneiras ajudar a abrir-lhes os olhos para a verdade.

Foi o único, desde o começo, a perceber as falhas do projeto e o destino dos que dependiam do bom planejamento do projeto. Esta mesma lucidez encaminhou-o para a degradação total, pois à medida que o tempo foi passando e os problemas aumentando, Gaspar conscientizou-se dos seus limites. Aos poucos começou a ficar abatido. Quando algum colono desesperado e com raiva procurava-o para desabafar, não encontrava argumentos suficientes para convencê-lo do contrário. Paulatinamente, foi perdendo sua estrutura interna. O enfraquecimento da carne e do espírito passou a ser visível para todos, inclusive para ele. Alguns o percebiam *cansadote* e ele próprio já encontrava em seu rosto marcas do tempo e da derrota.

Seu olhar crítico sobre os fatos valeu-lhe à sua revelia o cargo de representante dos colonos junto às autoridades, além do respeito dos que o conheciam. Entendia a fragilidade do projeto e tentava olhá-lo por outro ângulo, quando discutia com outrem sobre ele, principalmente em se tratando do acordo entre Portugal e Espanha sobre as Missões.

Antevia os fatos porque não precisava obedecer cegamente a alguém, somente a sua consciência. Sabia que as Missões eram um alvo perdido, pelo menos para o momento, era um ideal que Portugal não conquistaria tão facilmente.

Sem expressá-lo explicitamente, o doutor Gaspar nutria um desejo de união entre os povos. Mais do que ninguém sabia que não havia volta e que esses homens não poderiam retornar às origens, pois seria aceitar a derrota. Ao mesmo tempo que seu olhar dirigia-se aos pontos frágeis do projeto, encontrava a semente da formação de uma nova região, da formação de nossa gente.

Com sua lucidez e formação intelectual, Fróis conseguiu entender ambos os lados do intento, as suas verdadeiras intenções. Médico, leitor de grandes obras, indagava as autoridades a respeito da desorganização do plano, tentando colocá-las diante da realidade, pois mesmo desejando dias melhores surgiam momentos de incerteza no encaminhamento do assentamento dos açorianos.

Percebeu-se um estranho no ninho, um sujeito tentando organizar um mundo em que a própria desorganização já era a sua

organização. Trouxe consigo peças para encaixar num quebra-cabeças onde elas não mais funcionavam. Tentou de todas as formas encaixá-las, mas, sozinho e humilhado, achou por bem desistir. Foi vencido por seu próprio espírito inquieto, insatisfeito, "deixando como testemunho único de sua passagem os cadernos que formam o diário."²

Ao final da narrativa cria-se o impasse: não poderia mais voltar nem ficar, pois só havia fracassos a serem analisados. Por isso resolveu desaparecer, sem deixar vestígios, restando apenas seu diário como testemunho da criação de um povoado que, a duras penas, foi formado.

O continente: Dr. Carl Winter

Dr. Carl Winter, personagem da obra *O continente*, integrante da trilogia *O tempo e o vento*, do escritor sul-rio-grandense, Erico Verissimo, é um médico alemão que aportou no Sul do País, por acaso. Sua importância na narrativa sobressai-se no momento em que nos fornece uma visão mais distanciada das pessoas e do lugar, fazendo uma comparação da civilização sul-americana com a européia.

O continente, primeiro volume de *O tempo e o vento*, apresenta uma constituição por inteiro, não parecendo uma história sem conclusão. Segundo Regina Zilberman "vários fatores contribuem para isto, a começar pelo fato de que todas as personagens são completas, a sua biografia encerrando-se, em termos de necessidade narrativa, com o término dos episódios"³ (p. 70).

No primeiro plano da narrativa, temos a apresentação do sítio pelo qual está passando o Sobrado. O cerco é liderado pelo neto de Bibiana, Licurgo Cambará, representante dos republicanos em Santa Fé. Como os demais membros da família, mantinha uma rivalidade com os descendentes dos Amaral, tendo Alvarino Amaral como representante da oposição federalista.

No segundo plano da narrativa, nos é apresentada a rivalidade entre os Amaral e os Terra Cambará. Ana Terra, a precursora da linhagem dos Terra em Santa Fé, proveniente de São Paulo, e Capitão Rodrigo, dos Cambará, são dois pólos das forças humanas que movimentam a ação de *O continente*, neste plano.

Narrando a formação social do continente rio-grandino, a obra de Erico Verissimo incorpora aos elementos nativos as outras composições étnicas que viriam a integrar a sociedade sul-rio-grandense. Entre esses elementos, o escritor introduziu, em *O continente*, o médico alemão Dr. Carl Winter. Formado pela Universidade de Heidelberg, chegou em terras do Rio Grande do Sul, na metade do século XIX, e passou a viver em Santa Fé, a partir de 1851.

Desde a sua chegada, Dr. Carl testemunhou os conflitos existentes em Santa Fé. Compreendeu o plano de Bibiana em relação ao Sobrado; percebeu o sofrimento de Bolívar e, mais do que ninguém, melhor entendeu a maneira de ser de Luzia. Tudo isso graças à sua sagaz observação, da qual tomamos conhecimento com o jogo de proximidade que o narrador usa ao tratar dessa personagem.

Aliás, tornar o Dr. Winter um observador atento dos fatos que ocorreram em Santa Fé e um crítico perspicaz do movimento da pequena cidade foi o plano traçado por Erico Verissimo ao delinear a personagem. Em *Solo de clarineta*, texto autobiográfico, o autor de *O tempo e o vento*, confessa como construiu o Dr. Winter:

A certa altura de *O Continente* comecei a sentir necessidade de criar uma personagem que pudesse fazer o papel de "coro" daquela comédia provinciana. Devia ser uma pessoa não só alfabetizada, mas também lida e com pontos de referência geográficos e culturais que a tornassem capaz de comparar aquela agreste e incipiente civilização sul-americana com a européia, comentar consigo mesmo ou com outras aquela gente, a vida de Santa Fé, em particular, e a da província de São Pedro do Rio Grande do Sul, em geral. Dessa necessidade nasceu o Dr. Carl Winter.⁴

Aos trinta anos de idade, magro e usando óculos, Winter possuía um forte senso de humor. Não poupava a si mesmo de suas ironias, pois se observava e criticava sua aparência.

Mesmo tentando mostrar-se um ser sem apegos, o médico possuía um poder de sedução, atraindo, para si, o povo de Santa Fé. Carl tinha ascendência sobre essa gente e acabou por cativar a todos, principalmente aos Terra Cambará, fazendo-os revelar pensamentos cuidadosamente guardados.

Foi com o passar dos tempos, que adquiriu prestígio e passou a ocupar lugar de respeito junto a gente tão diferente de si. Todos o procuravam e nutriam uma grande admiração por aquele ser singular. Winter fez por merecer essa dedicação, mostrando-se compreensivo para com as pessoas.

⁴ VERISSIMO, Erico. *Solo de clarineta*; memórias. Porto Alegre, Globo, 1974, p. 299.

² ZILBERMAN, Regina. *A literatura no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992, p. 115.

³ ZILBERMAN, Regina. *O tempo e o vento: história, mito, literatura*. *Letras de Hoje*. Porto Alegre, PUCRS, v. 20, n. 3, p. 63-90, set. 1986.

Muito inteligente e perspicaz, Dr. Winter possuía um alto grau de observação, o que o levava a analisar com muita propriedade o local e seus habitantes. Achava-os, a ambos, primitivos e rudes. As casas da vila em nada eram parecidas com as que ele estava acostumado e, com rara exceção, não possuíam qualquer tipo de conforto.

As notícias, por sua vez, chegavam com atraso ao continente. Para seu amigo Carl von Koseritz, Winter queixava-se do esquecimento em que ficavam os habitantes. Pedia-lhe jornais, mesmo que fossem antigos, pois não estava acostumado com o marasmo de informações por que estava passando e precisava de leituras. Achava a vida monótona naquele lugar, porque nada de diferente acontecia. Como os habitantes possuíam uma saúde de ferro, quase sempre era chamado para atender alguém que se envolvera em briga. Fora isso, tudo transcorria normalmente. Daí a necessidade de ter notícias, mesmo que fosse através de jornais desatualizados.

Sua grande preocupação era observar os habitantes do lugar para aprender seus anseios e seus comportamentos. De um modo geral, achava os seres do sexo masculino muito rudes e complexos. Eram verdadeiros guerreiros, pois a guerra também fazia parte daquele cenário que ele dizia ter sido esquecido por Deus e pelos homens. Segundo Dr. Winter, os homens viviam para pelear. O normal para eles era morrer lutando ou morrer desgastados pelo tempo.

Os santa-feenses possuíam um código de honra muito forte, que o médico logo percebeu: importavam-se em "ser macho" e "não ser cornu". Por este motivo, o alemão logo notou que ninguém podia ousar olhar mais demoradamente para as esposas legítimas desses homens, pois, se isso acontecesse, estava decretada uma guerra.

Fazer parte de uma guerra também era uma das glórias supremas do gênero masculino daquele povoado, como também não levar desaforo para casa e saber montar bem. Winter observava essas características e, com uma certa paciência, percebia que tudo ali estava germinando, estava iniciando a acontecer. Ao longo de sua estada na Província viu que, se dependesse dos homens para exercer sua profissão, não teria como fazê-lo, pois eles não o procuravam para consulta. Os homens, ao contrário das mulheres, de nada se queixavam por medo de parecerem fracos.

Entendia que os homens eram rudes e de pouca conversa, também compreendia que o destino das mulheres era bem diferente. A vida das mulheres naquele "mundinho" era melancólica. Vi-

viam à mercê dos homens, sem participarem na comunidade, pois nada lhes dizia respeito. Apenas a espera da volta do marido e/ou dos filhos entre uma guerra e outra era o que cabia às fêmeas desse lugar tão distante:

Médico, leitor de grandes obras, Carl pensava no vilarejo como uma comunidade em progresso, desde que ajudada pelo seu povo. Segundo ele, algo deveria ser pensado para mudar a economia da região, pois, além do charque, havia possibilidade para outros cultivos e criações:

– Mas esta província não pode depender eternamente do charque e do couro! – exclamou Winter. – Foi um erro terem abandonado o trigo. É uma insensatez não cuidar dos rebanhos... um crime não cultivar melhor a terra.

Havia outros problemas sérios: o da instrução pública, por exemplo. Existiriam quando muito umas oitenta escolas em toda a Província, e todas eram de primeiras letras. Havia uma assustadora escassez de professores.³

Mesmo nutrindo o objetivo de ir embora, Carl maravilhava-se ante a oportunidade de ver Santa Fé transformada, de vê-la acompanhando o passo de outras localidades. Principalmente em suas conversas com D. Bibiana, manifestava seu entusiasmo pelas transformações que poderiam ocorrer na cidadezinha:

– Vosmecê já pensou, D. Bibiana – disse Winter, descansando os talheres sobre a mesa – que um dia Santa Fé vai ser uma cidade, com muitas casas, lampiões nas ruas, teatros, fábricas, e gente, muito mais gente que agora?⁴

O progresso e a mudança das instituições eram inevitáveis; como bom leitor e "pensador" que era, sabia que determinadas coisas vão tomando conta de outras e influenciando os diferentes setores. Assim, estava convicto de que a mudança estava chegando a Santa Fé, mesmo com a resistência de alguns.

Ao final da narrativa, Dr. Carl Winter está totalmente adaptado àquela cidadezinha na qual foi ficando por inércia e que, mais tarde, acabou ganhando sua admiração.

³ VERISSIMO, Erico. *O continente*. São Paulo: Globo, 1995, p. 391.
⁴ *Ibidem*, p. 415.

Dois olhares: Dr. Fróis e Dr. Winter

Dr. Gaspar de Fróis e Dr. Carl Winter possuem trajetórias de crescimento e queda semelhantes em alguns aspectos, discordantes em outros. Ambos têm uma imagem estruturada e possuem um olhar refinado sobre fatos e determinadas pessoas. Criam um estilo próprio entre as gentes com quem convivem: magros e com pouca acuidade visual, distanciam-se dos demais habitantes por suas particularidades: o primeiro, com chapéu tricorne e barba em ponta; o segundo, com seu chapéu alto e calças de xadrez preto e branco, ligadas às coxas e às pernas.

Ambos vêm para o Sul do País trazendo dentro de si uma desilusão a ser esquecida e um vazio a ser preenchido. Em terras sulinas, essas duas figuras logram confiança dos que deles se aproximam, pois estão sempre prontos a escutar. Com isso, ficam inteirados dos fatos que acontecem a sua volta. A profissão de médico dá-lhes respaldo e salvo-conduto para transitarem livremente entre a população.

Médicos e leitores de grandes obras, apresentam rara sensibilidade, fazendo da escrita um caminho para o desabafo. Tanto um quanto o outro organizam as idéias e pensamentos escrevendo para se ouvirem, usando o papel para poder organizar o mundo à volta. No caso de Fróis, esse processo se realiza através da escrita de seu diário; na mão de Winter, são as cartas dirigidas a Koseritz que cumprem esse papel.

Ateus convictos, Fróis e Winter desafiam as instituições vigentes: a Igreja é o maior alvo dos dois estrangeiros. São criticados por terem esta postura, pois sempre há um pároco mais conservador que os tem como hereges pela maneira como a questionam e, principalmente, pela rara freqüência com que a visitam. Fazem frente às normas porque, de uma certa forma, não se sentem parte daquela sociedade, vieram de fora.

O modo e a maneira, porém, como cada um interage com o meio é diferente, pois os dois médicos chegam em épocas diversas, encontrando contextos diferentes. Um aporta aqui por opção e o outro, por acaso. Enquanto o médico português faz questão de se envolver com os colonos e responsabilizar-se pelo que não sai a contento, o médico alemão comporta-se ao contrário. Não quer se envolver e tampouco se culpar por alguma coisa; apenas lamenta por tudo sair dessa maneira e não de outra, e alivia-se por não fazer parte daquele território.

Indivíduo sem apegos, Winter não tem qualquer aproximação amorosa para somar às suas desditas, enquanto Gaspar, um ser de envolvimento por natureza, prova o gosto de um amor clandestino, que se soma aos seus desencantos.

Acompanhando, assim, as personagens na narrativa desde o ápice até a queda, o mais significativo entre ambas é a maneira pela qual cada uma sucumbe ao meio. Nenhuma das duas consegue adaptar-se naturalmente ao local que foi alvo de suas observações. Dr. Gaspar de Fróis, após todas as andanças, conversas e tentativas de melhor entender o processo de povoamento do Sul do País, é vencido pelo cansaço e pelas frustrações de nada poder realizar. Opta, então, pela fuga, abandonando a vida. Dr. Carl Winter, entretanto, depois de fazer comparações da terra local com as do velho mundo, encontrando bem menos vantagens na primeira, inquieta seu espírito com a idéia de partir. Porém acomoda-se, deixando a vontade de regressar para a terra natal morrer aos poucos, dando lugar à inércia e a um novo cidadão santa-fezense, partícipe de eventos locais outrora apenas assistidos por ele. Emoção e razão guiaram o pensamento e a conduta desses dois olhares em solo gaúcho.

Referências bibliográficas

- ASSIS BRASIL, Luiz Antonio. *Um quarto de légua em quadro*. Porto Alegre: Movimento, 1978.
- BORDINI, Maria da Glória. *Criação literária em Erico Verissimo*. Porto Alegre: L&PM, 1995.
- BOURNEUF, Roland; OUELLET, Réal. *O universo do romance*. Coimbra: Almedina, 1976.
- BRAIT, Beth. *A personagem*. São Paulo: Ática, 1985.
- CANDIDO, Antonio; ROSENFELD, Anatol; PRADO, Décio de Almeida et al. *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 1987.
- CÉSAR, Guilhermino. *História do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1980.
- DACANAL, José H. A imigração e a história do Rio Grande do Sul. In: —. *RS: imigração e colonização*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992. p. 271-280.
- FORSTER, Edward Morgan. *Aspectos do romance*. Porto Alegre: Globo, 1974.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1994.
- VERISSIMO, Erico. *O continente*. São Paulo: Globo, 1995.
- . *Solo de clarineta; memórias*. Porto Alegre: Globo, 1974.
- ZILBERMAN, Regina. *A literatura no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992.